

coleção
niepXmark

vol. VI



Para que leiam *O capital*: interpretações sobre o Livro I

Organização

João Leonardo Medeiros
Eduardo Sá Barreto

usina
EDITORIAL

Coleção Niep-Marx

VOLUME VI

**Para que leiam *O capital*:
interpretações sobre o Livro I**

USINA EDITORIAL

© 2021 dos autores

Usina Editorial
Rua Francisco Estácio Fortes, 60
Santa Cecília - Cep: 01.233-060
São Paulo - SP
Brasil
www.usinaeditorial.com.br
edi.usina@gmail.com

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright (Lei no 9.610/98).

Coordenação editorial
Usina Editorial

Revisão
Equipe do NIEP-Marx

Capa
Rômulo Lima

Projeto gráfico e diagramação
com.tática

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Responsável: Hugo da Silva Carlos CRB: 8/7389

Para que leiam O capital : interpretações sobre o Livro I /
Organizadores: João Leonardo Medeiros; Eduardo Sá Barreto — São Paulo :
Usina Editorial, 2021.

287 p.
(Coleção NIEP-MARX; v. 6).

ISBN:
1. Economia 2. Marxismo 3. Capitalismo 4. Marx, Karl. I. Título II.
Série. III. MEDEIROS, João Leonardo. IV. BARRETO, Eduardo Sá
(CDD) 335.4

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| <i>Sobre os autores</i> | 08 |
| <i>Apresentação da Coleção NIEP-Marx</i> | 11 |
| <i>Apresentação</i> | 13 |
| <i>Prefácio</i> | 21 |
| | |
| Capítulo 1. Marx: o longo percurso até <i>O capital</i> | 25 |
| <i>João Leonardo Medeiros</i> | |
| | |
| Capítulo 2. Marx e a crítica da economia política: considerações metodológicas | 67 |
| <i>João Leonardo Medeiros e Bianca Imbiriba Bonente</i> | |
| | |
| Capítulo 3. Valor e preço na teoria de Marx: o significado da lei do valor | 115 |
| <i>Marcelo Dias Carcanholo</i> | |
| | |
| Capítulo 4. Entre o fetichismo e a exploração: polêmicas sobre o Livro I de <i>O capital</i> | 133 |
| <i>Bianca Imbiriba Bonente e Hugo F. Corrêa</i> | |
| | |
| Capítulo 5. Em busca do elo perdido: sobre a gênese dialética da categoria capital | 167 |
| <i>João Leonardo Medeiros e Leonardo de Magalhães Leite</i> | |
| | |
| Capítulo 6. Determinismo tecnológico | 195 |
| <i>André Guimarães Augusto</i> | |
| | |
| Capítulo 7. Fundamentos para a crítica ecológica do capitalismo no Livro I de <i>O capital</i> (ou: esse não é mais um texto sobre ruptura metabólica) | 219 |
| <i>Eduardo Sá Barreto</i> | |
| | |
| Capítulo 8. Luta de classes em <i>O capital</i> | 251 |
| <i>André Guimarães Augusto</i> | |
| | |
| Capítulo 9. As categorias classes sociais e Estado no Livro I de <i>O capital</i> | 265 |
| <i>Paulo Henrique Furtado de Araujo</i> | |

SOBRE OS AUTORES

André Guimarães Augusto é professor da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx/UFF). Tem artigos e capítulos de livros publicados. Atua na área de metodologia da economia, método em Marx e crítica ao neoliberalismo e à nova direita.

Bianca Imbiriba Bonente é professora da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense e membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx/UFF). É autora do livro *Desenvolvimento em Marx e na teoria econômica: por uma crítica negativa do desenvolvimento capitalista* (2016) e de artigos publicados em periódicos nacionais. Suas atividades de ensino e pesquisa estão voltadas, principalmente, para os seguintes temas: história do pensamento econômico, crítica da economia política, economia do desenvolvimento, teoria social e crítica ontológica.

Eduardo Sá Barreto é professor da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense e membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx/UFF). É autor do livro *O capital na estufa: para a crítica da Economia das mudanças climáticas* (2018) e de diversos artigos publicados em revistas. Sua pesquisa se concentra nas questões relacionadas à economia política do meio ambiente e à crise estrutural do capitalismo.

Hugo F. Corrêa é professor da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, e membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx/UFF). Foi editor da Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP) e diretor da Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Ciências Econômicas (ANGE). Nos últimos anos tem dedicado seus estudos à crítica da economia política e a temas de história econômica, com particular interesse pelos debates sobre a teoria e a história do imperialismo.

João Leonardo Medeiros é professor da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx/UFF) e da Sociedade Brasileira de Economia Política. É autor do livro *A economia diante do horror econômico: uma crítica ontológica dos surtos de altruísmo da ciência econômica* e de diversos artigos publicados em revistas e capítulos de livro. Sua pesquisa se ocupa sobretudo dos fundamentos da crítica da economia política de Marx, sobretudo no que se refere ao plano da ontologia da sociedade e da ética.

Leonardo Leite é professor da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ. Pesquisador no Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx/UFF), dedica-se principalmente à compreensão do mercado mundial e do imperialismo a partir da crítica da economia política de Marx. É autor de diversos artigos publicados em revistas científicas e capítulos de livros.

Marcelo Dias Carcanholo é professor titular da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense e membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Marx e Marxismo (NIEP-Marx/UFF). Foi presidente da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP) entre 2016 e 2018, e presidente da Sociedade Latino-americana de Economia Política e Pensamento Crítico (SEPLA) entre 2014 e 2016. Participa do Grupo de Trabalho CLACSO Crisis y Economía Mundial (2019-2022). Tem experiência na área de economia, com ênfase em economia política, economia marxista e desenvolvimento econômico, atuando principalmente nos seguintes temas: teoria do valor, teoria marxista, capitalismo, neoliberalismo, desenvolvimento e América Latina.

Paulo Henrique Furtado de Araujo é professor da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense, membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-MARX/UFF) e coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ontologia Crítica da UFF (GEPOC-UFF). É autor de artigos publicados em periódicos científicos e de capítulo de livros. Sua pesquisa se ocupa principalmente da crítica da economia política de Marx, da teoria crítica do valor, da ontologia do ser social e do conjunto categorial Estado, capital e política.

APRESENTAÇÃO

Eleuterio F. S. Prado*

Aqui os leitores têm um livro voltado à compreensão de *O capital* que se embrenha em diversas polêmicas. Antes de tratar dele, não foi possível deixar de lembrar um episódio corriqueiro que aconteceu num encontro da Sociedade Brasileira de Economia Política, numa data agora perdida na história. Ao conversar com Mario Duayer numa tarde serena – e em tempos mais amenos –, foi lhe dito que criara uma escola de interpretação de Karl Marx na Universidade Federal Fluminense – a Escola de Niterói. Ele ouviu, pensou um pouco, e disse: você acha? E, com isso, desviou o assunto e nada mais falou sobre essa proposição.

Como Mario Duayer parecia não gostar de igrejas acadêmicas, nunca mais se ousou usar essa designação para caracterizar os trabalhos de um importante grupo de economistas – que se renegam como tais – os quais se reúnem no departamento de economia dessa prestigiosa universidade. Tal como esse prefaciador, eles preferem ser vistos antes como estudiosos da crítica da economia política do que como membros dessa profissão. Antes de falar especificamente das características gerais desses trabalhos, é preciso mencionar que eles buscam interpretar a obra desse autor clássico como um corpo de conhecimento que tem unidade e especificidade própria.

Nem sempre foi assim na história do marxismo. E isso precisa ser lembrado ainda que de passagem. Em *As três fontes do marxismo e as três partes constitutivas do marxismo*, Lenin escreveu que a doutrina de Marx “nasceu como *continuação* direta e imediata das doutrinas dos representantes mais eminentes da filosofia, da economia política e do socialismo”.¹ Além de apreendê-la como um amálgama de tradições de pensamento heterogêneas, Lenin cometeu a seguinte enormidade:

* Professor sênior do Departamento de Economia – FEA/USP.

¹ Lenin, Vladimir I. *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*. São Paulo: Global Editora, p. 71.

A economia política clássica anterior a Marx nasceu na Inglaterra, o país capitalista mais evoluído. Adam Smith e David Ricardo, estudando o regime econômico, marcaram o início da *teoria do valor-trabalho*. Marx continuou a sua obra. Deu um fundamento estritamente científico a esta teoria e desenvolveu-a de modo consequente. Demonstrou que o valor de toda a mercadoria é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário à produção dessa mercadoria.²

O grande revolucionário russo não se lembrou da seguinte consideração do próprio Marx numa nota de rodapé do primeiro capítulo de *O capital*:

Uma das insuficiências fundamentais da economia política clássica está no fato de ela nunca ter conseguido descobrir, a partir da análise da mercadoria e, mais especificamente, do valor das mercadorias, a forma do valor que o converte precisamente em valor de troca. Justamente em seus melhores representantes, como A. Smith e Ricardo, ela trata a forma de valor como algo totalmente indiferente ou exterior à natureza do próprio valor. A razão disso não está apenas em que a análise da grandeza do valor absorve inteiramente sua atenção. Ela é mais profunda. A forma de valor do produto do trabalho é a forma mais abstrata, mas também mais geral do modo burguês de produção, que assim se caracteriza como um tipo particular de produção social e, ao mesmo tempo, um tipo histórico. Se tal forma é tomada pela forma natural eterna da produção social, também se perde de vista necessariamente a especificidade da forma de valor, e assim também da forma-mercadoria e, num estágio mais desenvolvido, da forma-dinheiro, da forma-capital etc. Por isso, dentre os economistas que aceitam plenamente a medida da grandeza de valor pelo tempo de trabalho encontram-se as mais variegadas e contraditórias noções do dinheiro, isto é, da forma pronta do equivalente universal.³

Essas duas longas citações se justificam para mostrar de um modo definitivo que a compreensão de *O capital* derrapou para o abismo em muitos momentos da história do marxismo. O próprio Engels, como se sabe, criou o mito de que nos primeiros capítulos de *O capital* o seu autor teria

² Ibidem, p. 75

³ Marx, Karl. *O capital: crítica da economia política* – Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 155, n. 32.

tratado do modo simples de produção de mercadoria, o qual, supostamente, teria existido apenas na imaginação teórica. Para superar esses erros – dentre eles avulta também a questão da relação entre dialética como lógica da contradição ou como mero método de abordar a história – foi necessário travar muitas batalhas. E muitas outras, seguramente, são ainda necessárias.

O autor principal que os produtores deste livro, *Para que leiam O capital*, leram e empregaram para forjar uma compreensão unitária da obra de Marx foi seguramente György Lukács, principalmente por meio do estudo de seu grande livro *Para uma ontologia do ser social*. E a busca para encontrar a unidade processual da obra de Marx se mostra no primeiro capítulo do livro, escrito por João Leonardo Medeiros, que trata de um “longo percurso [de Marx] até *O capital*”. A preocupação de Medeiros já não é com o ver na obra desse autor uma convergência de várias correntes, algo eclético portanto, tal como pensou Lenin – e Kautsky antes dele –, mas a fragmentação: “é preciso” – diz ele – “restabelecer a unidade da obra de Marx diante das inúmeras tentativas de fragmentá-la”.

No segundo capítulo, escrito também por Medeiros, mas agora em colaboração com Bianca Bonente, reconhece-se que a origem da “escola” se encontra num esforço inicial de Mario Duayer para compreender Marx com base principalmente – mas não exclusivamente – na leitura de três autores: György Lukács, Roy Bhaskar e Moishe Postone. Ele está inteiramente dedicado à questão metodológica. Funda-se numa tese famosa do primeiro desses três autores, segundo a qual “o método é o elemento definidor da ortodoxia marxista”. Os temas dessa parte do livro são: a relação entre a ação dos indivíduos e a estrutura social, a redução da aparência à essência e a sua volta como aparência necessária de uma determinada essência, o método da exposição que vai do abstrato ao concreto pensado, as leis científicas como leis tendenciais, a questão do aumento da complexidade.

Nesse capítulo ainda, é preciso ressaltar, a dialética é para esses dois autores, um “método que gira em torno [...] da dinâmica posta pelas contradições”. É por isso que este método afigura-se adequado para apreender o modo de reprodução desse complexo histórico, o capitalismo, assim como os modos de produção anteriores. Eis que essa forma de autodesenvolvimento progride e regride por meio de momentos contraditórios entre “aquilo que permanece e aquilo que muda”. Finalmente, na última seção desse capítulo, é apresentada a tese de que o método crítico de Marx é on-

tológico já que ele procura apreender o ser social tal como se apresenta e como evolui, como permanece e como se transforma.

O terceiro capítulo, desenvolvido por Marcelo Carcanholo, trata da questão do valor e do preço em Marx. Assinala a importância crucial da lei do valor na apresentação dialética do modo de produção capitalista. A sua tese central é que o valor – e não apenas o valor de uso e até mais do que ele – é a forma histórica da riqueza na sociedade que se levanta sobre esse modo de produção mercantil. Para além da meta de produção de riqueza efetiva, é um processo cujo fim é a reprodução infinita e desmedida do capital – e não a satisfação das necessidades humanas. Por isso mesmo – argumenta – tem-se não uma teoria positiva da formação de preços, mas um saber sobre como se travam e evoluem as suas relações de produção. Eis o que diz sobre isso: “a teoria do valor, para Marx, antes de ser uma teoria da determinação de preços, é uma teoria sobre a forma (estranhada/alienada) por meio das quais as suas relações sociais” se reproduzem. *O capital* para ele, ao fim e ao cabo, consiste numa exposição dialética das relações sociais no capitalismo, como elas engendram uma totalidade, como põem barreiras para si mesmas, como superam essas barreiras, até que encontrem limites insuperáveis, nas mulheres e nos homens e na natureza. Enquanto isso, essas barreiras não deixam de se apresentar cada vez mais como formidáveis.

A relação entre o fetichismo da mercadoria e a exploração do proletariado é exposta por Bianca Bonente junto com Hugo F. Correa no quarto capítulo do livro. Ela e ele fazem a crítica das compreensões unilaterais que separam essas duas determinações da totalidade social estruturada pela relação de capital, ou seja, pela relação entre o capital e o trabalho assalariado. Defendem, pois, a tese de que essas categorias estão, sim, vinculadas de modo indissociável na teoria do valor marxiana. O caráter misterioso da mercadoria, tal como Marx o expõe na quarta seção do primeiro capítulo da obra, abrange também a mercadoria força de trabalho. Em consequência, a confusão espontânea entre a forma e o suporte da forma, característica geral do capitalismo, mistifica também o modo de exploração que ocorre no capitalismo. Assim, sem a crítica do fetichismo não poderia haver qualquer crítica da exploração em *O capital*.

No capítulo seguinte, de número cinco, Medeiros e Leonardo de Magalhães Leite tratam da conexão entre os capítulos três e quatro do primeiro livro da *Crítica da economia política*, ou seja, aqueles que versam

respectivamente sobre o dinheiro e sobre o capital. Encontrar-se-ia aí uma mera sequência arbitrária? Tratar-se-ia de um encadeamento meramente expositivo em sentido epistemológico? Ou, como eles pensam, há aí na verdade um momento precioso da exposição ontológica do capitalismo já que o dinheiro em Marx funciona duplamente, atua como dinheiro propriamente em M-D-M, mas opera também no circuito do capital, isto é, em D-M-D'? Os dois autores defendem a tese de que a transformação do dinheiro em capital é, na verdade, um “elo perdido” que precisa ser adequadamente repostado para que a lógica da apresentação de *O capital* seja apreendida corretamente.

André Guimarães Augusto reflete no capítulo seis sobre a tese do determinismo tecnológico para contestá-lo vigorosamente. Como se sabe, essa crença ou mal leitura predominou largamente na história do marxismo já que sempre foi ideologicamente conveniente aos tecnocratas do socialismo burocrático que vigorou na extinta URSS e mesmo fora dela. Haveria, segundo essa tese, uma antecedência do desenvolvimento das forças produtivas frente às relações de produção. As primeiras determinariam as segundas. Examinando cuidadosamente essas categorias, Augusto mostra em seu texto que elas, em verdade, unem-se para compor uma mesma relação de interação no interior de um dado nível de complexidade do sistema econômico. Para mostrar como elas se determinam reciprocamente, esse autor apresenta como prova que as máquinas tradicionais são meios pelos quais ocorre a subsunção real do trabalho ao capital. E que, portanto, uma transformação nas relações de produção requer também uma nova tecnologia, um novo emprego e adaptação das tecnologias herdadas do passado.

Entre os professores que estudam e ensinam a obra de Marx na Universidade Federal Fluminense há um especialista na crítica ecológica do capitalismo, Eduardo Sá Barreto. O ecossocialismo, segundo ele, tem já uma longa história. Se ele se iniciou mediante as tentativas de incorporar a ecologia ao socialismo, prosseguiu investigando essa questão nos próprios textos de Marx, veio se transformar em práxis política por meio de diversos movimentos sociais. Após mencionar e discutir um dos conceitos fundamentais dessa recuperação, o de ruptura metabólica examinado extensivamente por John B. Foster, Sá Barreto busca mostrar como se pode avançar na crítica do capitalismo empregando, mas também indo além, desse conceito. Um de seus motes é que há um fetichismo da tecnologia. Ao cair nele,

o pensamento pretensamente crítico se torna incapaz de separar o meio de produção da forma mercadoria, ou seja, de compreender a tecnologia enquanto saber prático submetido à lógica reprodutiva do capital.

Os dois últimos capítulos deste livro mostram bem que não prevalece o dogmatismo na “escola marxista de Niterói” – se me for permitido desafiá-la apenas por um momento a memória de Mario Duayer, assim como do que possam pensar os autores deste livro sobre essa sugestão inapropriada.

No capítulo oitavo, Augusto defende a tese de que a luta de classes é constitutiva da exposição dialética do modo de produção capitalista. Eis que *O capital*, sendo enfático, consiste justamente na exposição dessa dialética, um modo de pensar que Marx aprendera estudando e criticando Hegel. A dialética, vale lembrar, é inerentemente crítica; mas não consiste, é preciso acrescentar, num ataque externo às visões de mundo que prosperam na sociedade; trata-se de uma crítica interna ao objeto que critica também, ao mesmo tempo, os modos vulgares e cientificamente positivos de compreendê-lo. Eis o que diz Augusto: a luta de classe “não é um elemento apenas aparente e restrito às seções sobre a luta pela redução da jornada ou a luta contra a máquina”. Ao contrário, para ele, a dialética da relação de capital, que preside a constituição da obra como um todo, está atravessa por uma dupla negação, tanto do trabalho pelo capital quando do capital pelo trabalho. O seu texto labora para discutir e provar essa afirmação.

No capítulo final, Paulo Henrique Furtado de Araújo, ao contrário dos outros autores do livro, argumenta em favor da famosa tese de Moishe Postone segundo a qual há um duplo Marx. Por um lado, conforme ela, há nos textos desse autor uma exposição rigorosa da lógica do capital, uma lógica “quase-objetiva” que instaura uma sociabilidade caracterizada sobretudo por uma forma de dominação social. Por outro, há o Marx politicamente ingênuo que confiou na classe dos proletários como aquela que funcionaria como demiurgo da história. Assim, convém ele, “a lógica do capital envolve a relação entre proletário e capitalista, a exploração do primeiro pelo segundo, as classes sociais com seus interesses antagônicos”. Entretanto, ao contrário do que sustentaram e ainda sustentam diversas correntes do marxismo, “a luta de classe não é a força motriz da mudança histórica do capitalismo”.

Ao apresentador não cabe participar dessa controvérsia entre autores que primam pelo rigor científico e pela honestidade intelectual. Mas ele não poderia deixar de saudar o espírito democrático autêntico que, sim,

rege provavelmente as relações pessoais entre os professores que elaboraram este livro. São sujeitos políticos que se mantiveram na tradição inaugurada por Marx e Engels. E que, por isso, conservaram o espírito crítico que duvida de tudo e que não teme a luta democrática pela verdade. Contra uma velha corrente que dominou marxismo por décadas, sustentam assim uma práxis que vem do próprio Marx. Como este livro quer que os seus eventuais leitores leiam de fato *O capital*, assim como as outras obras de Karl Marx, ele não poderia deixar de recomendar que o caminho do marxismo é o caminho da polémica honesta e da crítica – e não o caminho da crítica “*ad hominem*” e do dogmatismo.

PREFÁCIO

Este livro foi concluído em meio à consumação da barbárie. De modo muito rápido e agudo, a pandemia de covid19 cruelmente atestou aquilo que a crise climática vem demonstrando em suas dolorosas doses homeopáticas: que o modo de vida próprio de nosso período histórico entrou em colapso e ameaça a reprodução da vida humana. A sensação, para quem nutre um mínimo sentimento humanista, é a de que vivemos anos que combinam medos de décadas, o provocado pela crise econômica, aquele que se refere propriamente à crise sanitária, o pavor ocasionado pelo ressurgimento de discursos e práticas de extrema direita, a insegurança sobre a condição educacional e cultural dos filhos, o medo da bala, da cela e do cacetete. Num cenário como esse, a pergunta evidente é: o que justifica a edição de um livro cuja finalidade consiste em propor interpretações a respeito de uma obra teórica produzida no século XIX?

Nossa resposta é simples: o mesmo interesse que levou o autor daquela obra teórica a produzi-la em condições dramáticas. Karl Marx, de quem falamos, não produziu a obra em questão, *O capital*, na condição de professor universitário confortavelmente instalado num gabinete de uma rica universidade alemã. *O capital* foi escrito por um militante apaixonado, dedicado à causa da emancipação humana. A essa causa, Marx – reconhecidamente o abrigo de uma mente espetacular – dedicou sua vida. Por essa causa, compartilhou com sua família dramas e temores: foram expulsos de mais de um país, presos, passaram fome, viram bebês morrerem desamparados e serem enterrados com o dinheiro emprestado por colegas.

Assim como Marx e sua família, gerações daquelas e daqueles que se rotularam como seus herdeiros intelectuais também enfrentaram toda sorte de percalços. Lenin, Rosa Luxemburgo, Lukács, Gramsci, Kollontai, Rubin, clássicos que recolhemos de uma infinidade de nomes capazes de serem mencionados aqui, não viveram tempos fáceis, não tiveram uma vida isenta de contradições, dilemas, tragédias. Mas nos legaram aquilo que hoje conhecemos como marxismo, a teoria subversiva que de modo mais agudo, há mais tempo e continuamente desafia o capital.

Sentimo-nos como que obrigados, por essa razão, a não esmorecer, nem a transformar o livro em algo que ele não é. O livro é um convite à leitura do primeiro volume de *O capital*. Seu título foi construído com palavras

critérios escolhidas. Não acreditamos que hoje, em face do imenso desconhecimento da vida e obra de Marx, seja mais possível nomear uma obra com a finalidade aqui apontada da mesma maneira como o fizeram Althusser e Balibar nos anos 1960: *Ler O capital*. Ou ainda, como o fez mais recentemente Harvey: *Para entender O capital*. Esses títulos assumem, de antemão, a existência de leitores que pretendam se esmerar na compreensão da obra-prima de Marx. Os tempos exigem outra exortação, uma exortação à própria leitura. Isso ocorre porque *O capital* não frequenta mais as axilas das(os) militantes, raramente é estudado em sindicatos e partidos de esquerda, está restrito (e cada vez mais restrito) a uma ou outra disciplina em alguma universidade que ainda não tenha banido Marx e os marxistas para o degredo eterno.

Julgamos que podemos estimular a leitura de *O capital* discutindo abertamente a obra, tornando públicas as nossas interpretações, expondo as nossas convergências e unidade, mas também as nossas divergências e diferenças. Oito pessoas assinam os capítulos desse livro. Cada um(a) é responsável pelo capítulo que assina, pelas ideias que defende, pela interpretação que propõe. Cada um sabe que os sete outros são colegas de causa, comunistas, professoras(es) dedicadas(os), que exercem sua militância nas condições que dispõem. Não há entre nós ninguém disposto a fazer concessões ao capital, ninguém disposto a vender suas ideias, ninguém disposto a perder um segundo sequer vivendo nesta sociedade sem lutar pela existência de outra que a supere. Por isso, respeitamos nossas divergências, sabemos que, no momento exato, estaremos do mesmo lado, lutando contra a mesma coisa, ainda que pensemos nesta coisa e nesta luta de modo diverso.

Procuramos assim, modestamente, nos associar à rica história de vida de marxistas de outras épocas. Isso envolve os conhecidos nomes que acabamos de mencionar acima, mas também, em âmbito local, aquelas(es) que nos antecederam como professoras e professores da Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense. Em sua época, esses colegas eram depreciativamente chamados de “marxistas da Uff” e isso queria dizer, no círculo de economistas, “aqueles que respondem pela má fama do lugar”! Hoje, se os “marxistas da Uff” são respeitados e trazem boa fama à casa que os abriga é porque aquelas(es) do passado nos formaram como o que somos. Agradecemos muito a Alice Helga Werner, Lerida Maria Lago Povoleri, Maria Célia Marcondes de Moraes, Mario Duayer, Nelson Rosas Ribeiro, Victor Hugo Klagsbrunn e Theotônio dos Santos. São suas múltiplas e diversas influências que produziram a multiplicidade e diversidade das opiniões que hoje proferimos aqui neste livro, em nossas falas e em outros textos.

Agradecemos também aos colegas do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo, o NIEP-Marx, grupo a que estão associados todos os que assinam capítulos deste livro. Ficamos muito honrados de ter um livro compondo a Coleção NIEP-Marx, entre outras razões porque o grupo é, e sempre foi, um sopro de ar fresco e esperança em dias melhores. Por fim, agradecemos à equipe da *com.tática*, que mais uma vez diagramou com muita competência nosso texto; a Rômulo Lima, que propôs a nova capa para a Coleção, estreada neste volume; e à Usina Editorial, sobretudo ao sempre diligente editor Bernardo Figueiredo de Lima, que nos deu toda liberdade e apoio para executarmos o livro como pretendíamos.

Não ofereceremos aqui a tradicional lista dos capítulos que compõem a obra porque, para nossa sorte, nosso colega Eleuterio Prado o fez em sua “Apresentação”. Quanto à forma do livro, há uma única observação: adotamos o estilo de citações da Coleção NIEP-Marx, sendo que, no Capítulo 1, que percorreu a vida de Marx, foi indicado não apenas o ano de publicação da edição utilizada, mas também o ano da publicação original. Por fim, é preciso registrar que o Capítulo 5 é uma versão ligeiramente modificada do texto com mesmo título publicado na *Revista Outubro*, edição 26, julho de 2016. O Capítulo 9 foi publicado na *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*, edição 56, maio a agosto de 2020. Os conselhos editoriais de ambas as revistas autorizaram a publicação dos textos neste livro.

Este livro recebeu o fundamental apoio do Conselho Nacional de Ensino e Pesquisa (CNPq), por intermédio de seu Edital Universal.

Niterói, março de 2021

João Leonardo Medeiros
Eduardo Sá Barreto

Este livro é dedicado a Mario Duayer, que faleceu pouco antes da publicação. Mario foi professor de todos nós, senão nas aulas formais, ao menos em grupos de estudo, mesas de discussão onde quer que elas fossem colocadas. A influência de Mario sobre nosso modo de compreender e pensar o marxismo não pode ser mensurada, mas pode ser percebida na forma como falamos sobre, nos portamos diante e julgamos a obra de Marx e o marxismo.